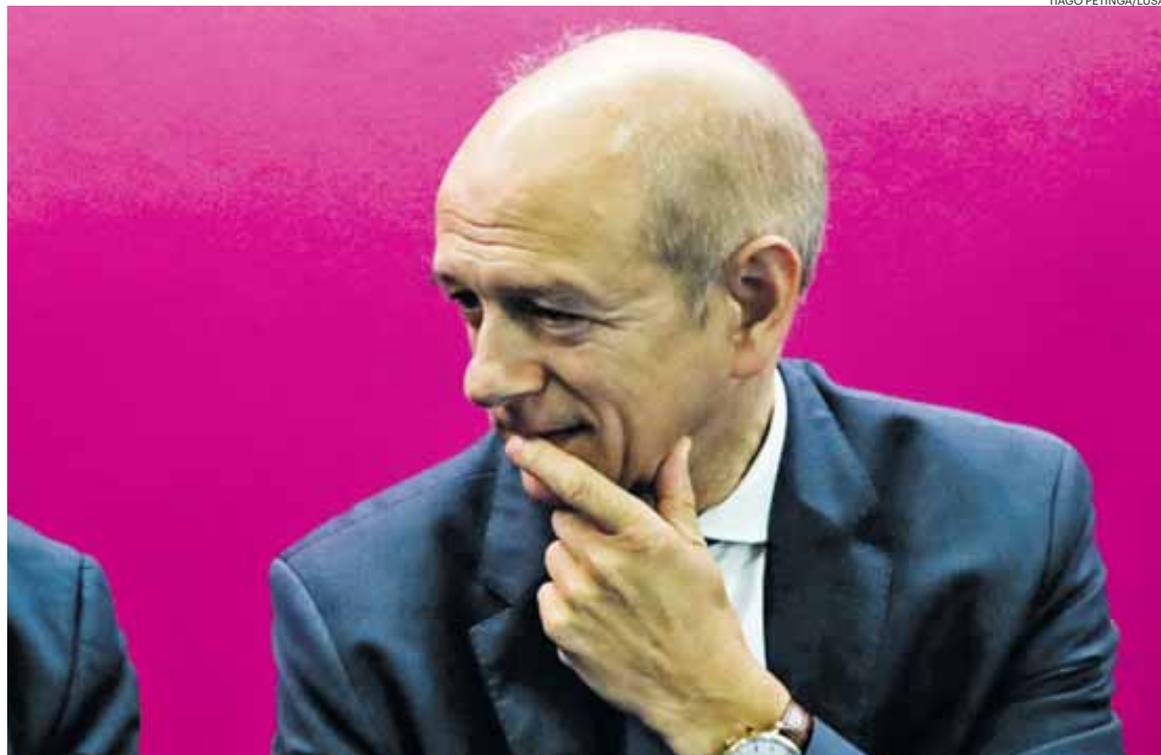


POLÍTICA



TIAGO PETINGA/LUSA

Alberto Souto também foi vice-presidente da Anacom e presidiu à Câmara Municipal de Aveiro

Remodelação iminente. Mais secretários de Estado saem do Governo

Executivo
Ana Sá Lopes
e Margarida Gomes

Ana Pinho sai da Habitação; Alberto Souto vai para o Banco de Fomento. José Apolinário quer liderar a CCDR-Algarve

O gabinete do primeiro-ministro está à beira de anunciar mudanças no Governo. António Costa decidiu aproveitar a saída de José Apolinário, secretário de Estado das Pescas, para a presidência da CCDR-Algarve e fazer uma remodelação mais alargada, embora, ao que o PÚBLICO apurou, atinja apenas secretários de Estado.

Ana Pinho, a secretária de Estado da Habitação, está de saída do Ministério das Infra-estruturas, um cargo que ocupava desde Julho de 2017, quando o primeiro-ministro decidiu que a habitação devia passar a ter uma secretaria de Estado própria, algo que até aí não acontecia. Ana Pinho, que na altura trabalhava no escritório de Augusto Mateus, foi integrar o ministério então dirigido por Pedro Marques, na altura ministro das Infra-estruturas. Quando

Pedro Marques abandonou o Governo para ser cabeça de lista do PS ao Parlamento Europeu, foi substituído, em Fevereiro de 2019, por Pedro Nuno Santos. Ana Pinho manteve-se à frente da secretaria de Estado com o novo ministro.

Ana Pinho foi uma colaboradora próxima de António Costa, quando este era presidente da Câmara de Lisboa. Foi a comissária da Carta Estratégica de Lisboa para as áreas de demografia e habitação e consultora da Câmara de Lisboa entre 2012 e 2015.

Souto no Fomento

O ainda secretário de Estado adjunto do ministro das Infra-estruturas, Alberto Souto de Miranda, por seu lado, sai do Governo para ocupar um cargo no recém-criado Banco de Fomento. Souto de Miranda, ex-presidente da Câmara de Aveiro, foi administrador não executivo da Caixa Geral de Depósitos e antigo vice-presidente da Anacom – Autoridade Nacional das Comunicações. No Governo, além de adjunto do ministro, Alberto Souto tinha o pelouro das Comunicações e também era responsável pelos portos.

Entre os secretários de Estado abrangidos pela remodelação também deverá estar Carlos Miguel,

secretário de Estado para as Autarquias, apurou o PÚBLICO.

O processo começou há cerca de um mês. Quando foi decidido que José Apolinário iria ser o candidato à presidência da Comissão de Coordenação Regional do Algarve, o gabinete de António Costa contactou todos os ministérios para saber se, entre os secretários de Estado, haveria mais alguém com vontade de sair do Governo. Assim, aproveitava-se a necessária saída de Apolinário – que tem de abandonar o Governo um mês antes das eleições para as CCDR, marcadas para 14 de Outubro – para fazer as outras mudanças.

Desde as eleições de Outubro do ano passado, esta é a segunda vez que António Costa mexe no Governo. A primeira foi por causa da ida de Mário Centeno para governador do Banco de Portugal, que obrigou a remodelar parte da equipa das Finanças. Para o lugar de Centeno entrou João Leão, o antigo secretário de Estado do Orçamento. Com Mário Centeno saíram do Governo Ricardo Mourinho Félix, que era secretário de Estado adjunto e das Finanças, e Álvaro Novo, secretário de Estado do Tesouro.

ana.sa.lopes@publico.pt
margarida.gomes@publico.pt

“Espero que o CDS acorde”, afirma António Pires de Lima

Partidos
Sofia Rodrigues

Antigo ministro da Economia volta a atacar a liderança de Rodrigues dos Santos: “O CDS não devia acabar assim”

O ex-ministro da Economia António Pires de Lima assume estar “muito preocupado” com o CDS e diz esperar que a direcção de Francisco Rodrigues dos Santos adopte “um estilo de liderança mais plural, menos proclamatório e mais substancial”.

A forte crítica à liderança de Francisco Rodrigues dos Santos foi deixada por Pires de Lima num artigo de opinião publicado na edição do passado sábado do *Expresso*. O antigo dirigente reitera ao PÚBLICO os avisos à forma como a direcção está a gerir o partido a mais de um ano de distância da realização de um novo congresso. “Estou muito preocupado com o CDS e resolvi deixar escrito o que penso da actual direcção do partido para não ter de falar mais até ao próximo congresso”, afirma.

Nos próximos tempos, o gestor deverá ficar em silêncio sobre questões políticas por motivos profissionais. No texto publicado no *Expresso*, Pires de Lima mostra estranheza pela falta de intervenção pública de alguns dos vice-presidentes “mais experientes” e questiona o “sumiço” dado à porta-voz do partido, Cecília Anacoreta Correia, apontando o CDS como o

partido reduzido “à dimensão de um homem só.” Na direcção, esta crítica é mal compreendida, tendo em conta a estratégia que foi delineada e que apontava para necessidade de afirmação do líder do partido, que era pouco conhecido junto do eleitorado.

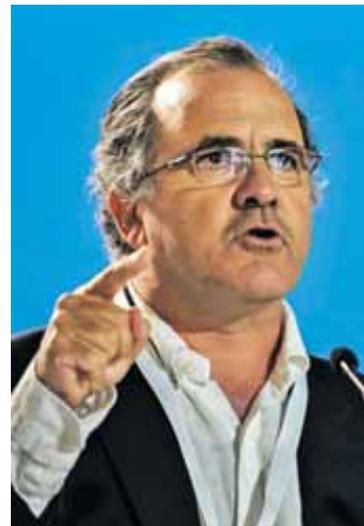
O recado de Pires de Lima é assumidamente duro e visa despertar o CDS: “Espero que o partido acorde e a direcção assumira um estilo de liderança mais plural e uma intervenção menos proclamatória e mais substancial”.

Depois de ter sido apoiante de João Almeida no congresso de Janeiro (em que ganhou Rodrigues dos Santos), o ex-presidente do conselho nacional (durante a liderança de Paulo Portas) considera ainda que o próximo congresso (previsto para 2022) é decisivo para o futuro do partido. “O CDS faz muita falta à democracia portuguesa e não devia acabar assim”, escreveu.

Pires de Lima aceitou integrar, em Junho, um grupo de personalidades para propor medidas de recuperação económica. O gestor queixa-se de que o grupo nunca se reuniu e agora comunicou ao líder do partido que já não irá continuar por motivos profissionais. Esse mesmo grupo de trabalho (onde estão António Lobo Xavier e Nobre Guedes) vai reunir-se amanhã, sabe o PÚBLICO.

O aviso do ex-ministro de Economia acontece no momento em que há algum mal-estar na direcção liderada por Francisco Rodrigues dos Santos, sobretudo na relação entre as várias alas que a compõem. A equipa resulta de um acordo firmado no congresso entre o líder eleito e a lista liderada por Filipe Lobo d’Ávila, que ficou em terceiro lugar.

Ao mesmo tempo que Francisco Rodrigues dos Santos fez a ponte com um dos seus adversários nas eleições internas também recuperou um elemento da anterior direcção de Assunção Cristas: António Carlos Monteiro era secretário-geral e passou a vice-presidente, o que gerou perplexidade na candidatura de João Almeida, que tinha o apoio da maioria dos membros da liderança de Cristas, e também algum desconforto na lista de Lobo d’Ávila. Foi a aliança destas sensibilidades que deixou de funcionar há alguns meses. A este deslçamento acrescem os resultados das sondagens em que o CDS não “descola” dos 4%, nas palavras de alguns militantes.



Pires de Lima apoiou João Almeida no congresso de Janeiro

srodrigues@publico.pt